

PI PAM RIIM



Suplemento infantil do jornal:

O SEculo

• DIRECTOR: AUGUSTO DE SANTA-RITA •



Camões e os Lusíadas

Por ISABEL AREOSA

MANUEL — O' papá, quem era Camões?

PAI — Camões foi um grande poeta. E' o autor dos «Lusíadas», aquele poema épico que narra os grandes feitos dos portugueses.

MANUEL — Ah! Já sei, é o autor daqueles versos que começam assim.

As armas e os balões assinalados
Que da...

PAI — O que é isso! O que é isso!
Não são os balões... são:

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia Luzitana
Por mares nunca dantes...

MANUEL — Já sei... já sei...

Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da transmontana...

PAI — Basta... Basta! o que aí val!

Não é da transmontana.

Passaram ainda além da Taprobana.

A Taprobana é a ilha de Cellão situada no Oriente. Quere dizer que passaram ainda além da ilha de Cellão.

MANUEL — Quem é que passou ainda para além da Taprobana?

PAI — Os portugueses!

MANUEL — Então até onde foram?

PAI — Foram até à Índia.

MANUEL — E foram de comboio ou de automóvel?

PAI — Não, meu filho, mas que idea. Foram por mar. Lá dizem os Lusíadas:

Por mares nunca dantes navegados...

MANUEL — Então foram num hiate ou num transatlântico?

PAI — Não, filho, nem numa coisa nem noutra. Foram nuns barcos à vela a que chamavam caravelas. Nesse tempo ainda não havia transatlânticos nem sequer barcos a vapor. A navegação fazia-se com barcos à vela e os navegantes corriam muitos perigos por causa das tempestades, às quais



as caravelas por vezes não resistiam.

Cabe-nos a glória de termos descoberto o caminho marítimo para a Índia.

MANUEL — O que vem a ser isso do caminho marítimo?

PAI — Quere dizer:—o caminho por mar. Nesse tempo já havia quem fôsse à Índia por terra mas ninguém sabia a rota que se devia seguir para chegar lá pelo mar.

MANUEL — Mas o que é que lá havia para terem tanto empenho em lá ir?

PAI — A Índia tinha fama de possuir grandes riquezas.

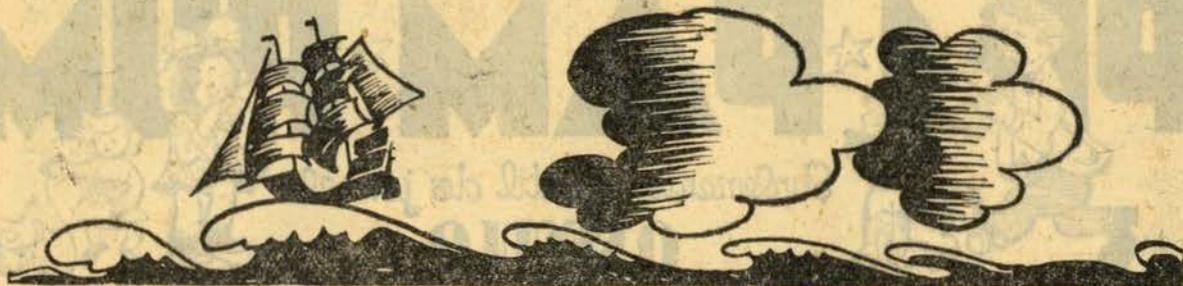
MANUEL — Tinham lá muitos diamantes?

PAI — Vinham de lá pedras preciosas, sim, mas não só as pedras preciosas valem dinheiro. Vinham, também, especiarias. As especiarias vêm a ser o cravinho, a pimenta, a nós moscada, a canela...

MANUEL — O' papá, então os portugueses foram à Índia por causa da canela?

PAI — Não te admires, meu filho. Hoje, devido à facilidade de transportes, as especiarias vendem-se baratas e estão tão vulgarizadas que já não se lhes dá o devido aprecio. Mas noutros tempos era com enormissimas dificuldades e riscos que se transportavam as especiarias da Índia para a Europa, e, pelo preço por que ficavam,





apenas podiam figurar nas mesas dos ricos.

MANUEL — E foi só por isso que os portugueses quiseram descobrir o caminho marítimo para a Índia?

PAI — Houve vários motivos que levaram os portugueses a empreender essa viagem. Além das diversas riquezas da Índia que eles queriam importar para o nosso país, quiseram também civilizar esses povos bárbaros, levando-lhes a fé cristã. E como as viagens eram cheias de perigos e dificuldades e só homens de grande coragem e perseverança como os portugueses poderiam levar a cabo tal empreendimento, foi uma grande glória para Portugal terem sido os portugueses os primeiros a chegar à Índia por via marítima.

MANUEL — E só depois é que os estrangeiros começaram a lá ir?

PAI — Sim, Como ninguém ainda tinha ido à Índia por mar, não havia

cartas de navegação do caminho para lá.

MANUEL — O que vêm a ser cartas de navegação?

PAI — Cartas de navegação são uma espécie de mapas onde vêm os acidentes do mar, os cabos, recifes, montes de areia; onde vêm indicados os pontos onde se pode navegar e as zonas perigosas e impossíveis para a navegação. Os portugueses foram, portanto, os primeiros que desenharam as cartas de navegação, do caminho marítimo para a Índia. Munidos dessas cartas é que as gentes doutros países começaram a lá ir também.

MANUEL — E os «Lusiadas» contam isso tudo?

PAI — Sim, filho. Luiz de Camões narra, em verso, nos «Lusiadas», todas as dificuldades e sofrimentos por que os portugueses passaram até alcançarem terras da Índia, as lutas que depois sustentaram com os seus inimigos e

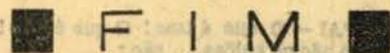
ainda as glórias da história de Portugal, até à sua época.

MANUEL — O dinheirão que ele devia ter ganho com os «Lusiadas»? Um livro que se encontra em quasi todas as casas e é há tantos anos adoptado nos liceus!

PAI — Como te enganas, Manuel. Camões, no seu tempo, não foi devidamente apreciado. O rei D. Sebastião a quem ele dedicou a sua obra, deu-lhe uma pensão tão pequena que mal chegava para o poeta matar a fome.

A sua desgraça era tão grande que tinha de mandar o seu escravo preto, chamado Jau, pedir esmola pelas ruas, para ambos se sustentarem.

Camões, que foi o maior poeta da sua época, cuja obra o immortalizou, morreu na maior miséria!



A PELE DO TIGRE OU RIQUINHO EM AFRICA

FOLHETIM INFANTIL POR GRACIETTE BRANCO

HENRIQUE, — Riquinho, — como na intimidade o tratavam, não conseguia dormir naquela primeira noite da sua estada em África.

Oito anos cheios de ardente curiosidade e irrequieto pensamento, naquela idade de ouro em que se encontra novidade em tudo, porque para tudo se abrem os olhos pela primeira vez, uma tão grande mudança de cenário — da doce e serena paz dum bairro de Lisboa, para as misteriosas, encantadoras e exuberantes terras de África, ilustradas, em sua imaginação, com as mais vivas cores e os mais pitorescos ornatos, — havia feito bater o coração de Riquinho nas mais desordenadas pulsações.

O pai há muito tempo que lhe falava das coisas extraordinárias daquela terra prodigiosa em que havia bananas e macacos e em que os homens,

por mais que se lavassem, não conseguiam ser brancos.

A bordo do belo vapor que, num dia



de céu puríssimo, os havia levado, das águas transparentes do Tejo, por esse

mar além, Riquinho pensara e repensara nas probabilidades dum mau encontro com um desses senhores farfusco e demais a mais — (impressionante facto!) — porque a cozinheira lhe havia dito uma tarde, enquanto no quintal matava o mais gorducho bico da capoeira, que até havia senhores pretos que comiam pessoas e lhes chamavam um figo!

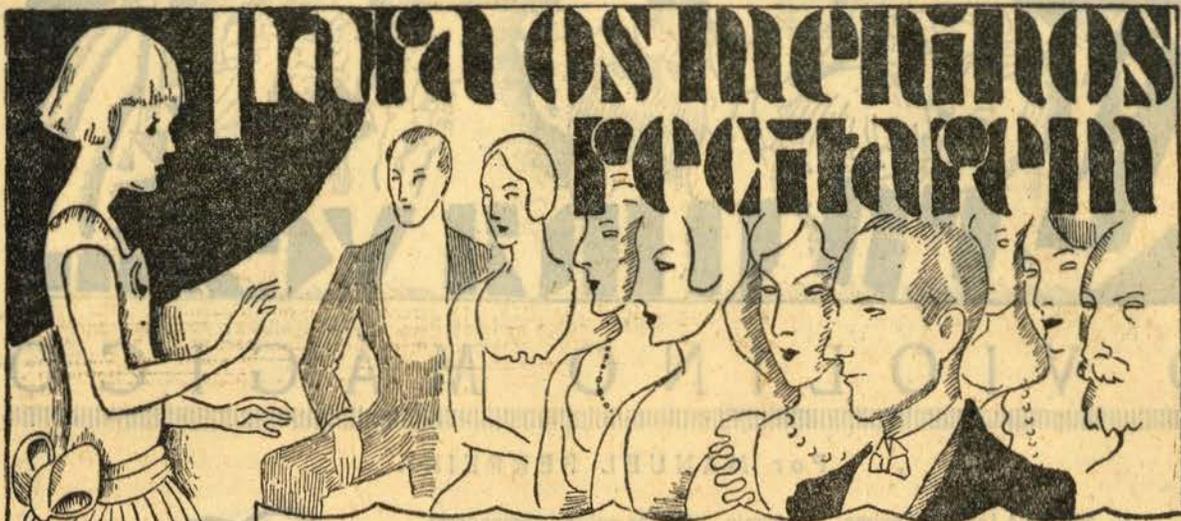
Na sua cama pintada a laca branca e coberta por grande mosquiteiro, Riquinho, impressionado com o extraordinário calor e com as agulhas aguçadas da curiosidade a espicaçá-lo todo, não dormira, não conseguira descansar absolutamente nada.

Na véspera chegara a dormir ao colo não sabia de quem, e de África apenas conhecia um mosquiteiro, de tule muito branco e uma cama de laca igualmente branca.

Envolto em penumbra, nada mais se avistava no quarto, porque a janela, uma larga varanda rasgada ao lado da cama, se conservava ainda apenas semi-aberta.

Saltando rapidamente do leito, Riquinho resolveu pôr termo a tanta curiosidade insatisfeita.

Deu uns curtos passos em direcção à varanda e sentiu que os pés andavam sobre alcatifa macia, extremamente macia e setinosa. Estendendo um braço puxou o fecho da janela e logo o quarto, como palco, ao qual



PARA OS MELHORES RECITAREM

O CÃO E O ÔSSO

FÁBULA ANTIGA

POR
M I
LAU

A TRAVESSAVA um regato um cãesito que levava um ôsso. Na água clara sua imagem se espelhava.

mergulhou, ambicionando dois ossos para o almoço.

E morreu. Foi o castigo da sua grande ambição.
— *Quem tudo quer, tudo perde —*
lá diz o velho rifão.

Pensando que era outro cão, levando também um ôsso,

corressem o pano, se desvendou, completamente, a seus olhos.

Riquinho, entontecido, esfregou os olhos duramente açoitados pela crua e forte claridade, mas, quando os abriu, deu um enorme pulo e foi meter-se entre a roupa da cama, batendo o queixo com medo.

Com a boca escancarada, os dentes aguçados, o olhar brilhante e ameaçador, um enorme tigre, a seus pés, todo estendido no chão, ondulava, de espaço a espaço, prestes a formar o salto e a chamar-lhe um figo.

Debaixo da roupa, Riquinho mais branco do que o linho dos lençóis, aterrorizado por tão pavorosa recepção, chorava e rezava silenciosamente, sem coragem para chamar ninguém.

Súbitamente, quebrando o silêncio do quarto, ouviu-se um doce miau, e outro e outro e outro...

A roupa da cama de Riquinho moveu-se, quase imperceptivelmente, e dois olhinhos azuis espreitaram.

O miau repetia-se mais nitidamente e Riquinho reconhecia já nele o miau alfacinha do soalheiro e preguiçoso Tareco.

Certamente que na véspera, com a confusão da chegada ele se havia refugiado no quarto de Riquinho.

Confiadamente, ia a sentar-se na

cama quando, de novo, deu com os olhos na boca escancarada do tigre ameaçador. Mas agora já não mexia; todo estendido no chão, não correspondia a imobilidade do seu corpo com o olhar terrível e a goela cavernosa horrivelmente aberta. Riquinho ia, de novo, a refugiar-se na trincheira protectora da roupa, quando novo miau, vindo do lado da porta, para lá lhe atraíu o assustado olhar.

Tareco, aninhado a um canto, com a sua mais melga expressão e a mais encantadora atitude, olhava para Riquinho.

(Continua no próximo número)





O VIOLINO MÁGICO

Por MANUEL FERREIRA

NAQUELA tarde de Primavera, pelas ruas da aldeia de Carriços, circulava um rapazinho esgrouviado, martelando num tambor:

— «Rataplan, plan, plan!»...

O povoleó assomava aos postigos e alpendres. Eram saltimbancos que, à noite, deram um espectáculo no largo da Igreja. Depois de fazerem rodopiar o urso ao som do pandeiro e de exibirem puigas domesticadas, um rapaz tocou lindas toadas num violino. Com o arco, arrancou das cordas uma ária tão dolente que aos olhos de muitas mulheres afloraram lágrimas.

Tónio, filho de pobres camponeses, não tirava os olhos do artista. Desde muito menino que amava a música, e sempre que, em qualquer festa, uma concertina ou um flautista aparecia, lá ia ele encher a alma de enlévo. Quando terminou a exibição, o Tónio foi à barraca dos saltimbancos procurar o violinista.

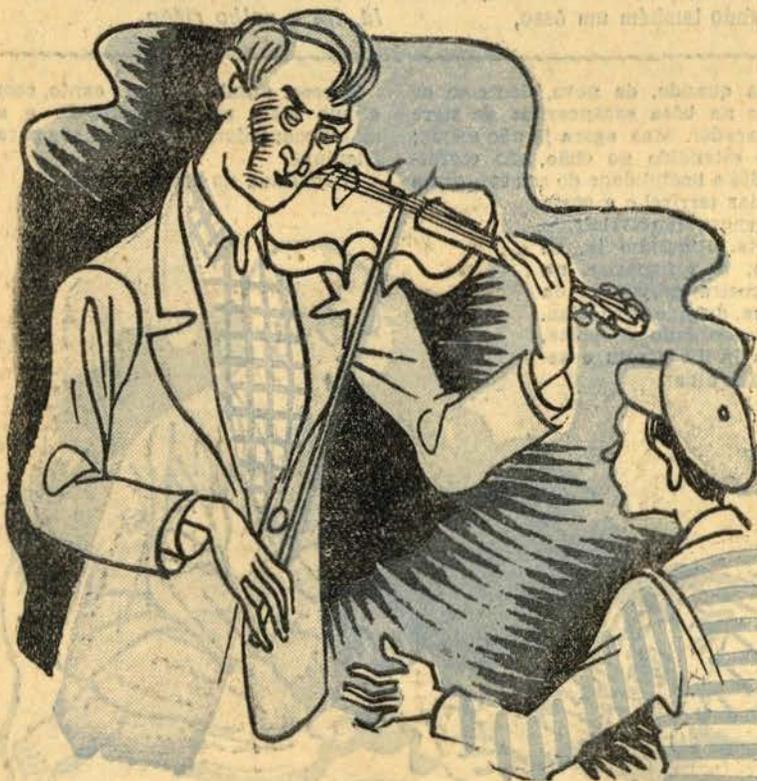
— «Que desejas, pequeno?» — perguntou o artista.

— «Eu queria... queria...»

E, revolvendo nas mãos o carapuço de lá, o Tónio não se atrevia a falar. Por fim, arriscou:

— «Se o senhor me pudesse ensinar a tocar assim...»

Riu o homem da ambição do Tónio.



Viu-lhe nos olhos decisão e inteligência e respondeu, sorrindo:

— «Está bem. Nós ficamos aqui nesta aldeia uns quatro dias. Logo que possas, vem aqui à barraca que eu te ensino.»

O pequeno ficou radiante. Durante esses dias, mal apanhava os pais distraídos, ia ter com o senhor Tomé — que assim se chamava o músico — para este lhe ensinar a extrair do violino melodias de sonho.

Não fez, porém, isto com tanto segredo que a madrinha, D. Ana, senhora do solar de Carriços, não viesse a saber. Quando os saltimbancos retiraram, o Tónio completou dez anos e fez, com distinção, o exame de instrução primária. D. Ana, nesse dia festivo, ofereceu-lhe um violino.

Picou satisfetíssimo, tanto mais que a madrinha completou a sua

A farinha e a peneira



Por LAURA CHAVES

A semente era iraquinha,
— fóra má, a novidade —
e por isso é que a farinha
safu de má qualidade.

Debalde quis a peneira
peneirá-la com desvelo
mas não havia maneira
de lhe tirar o farelo.

Foi, depois, para espoar
à peneira mais fininha,
deu-lhe mil voltas no ar
e melhorou a farinha.

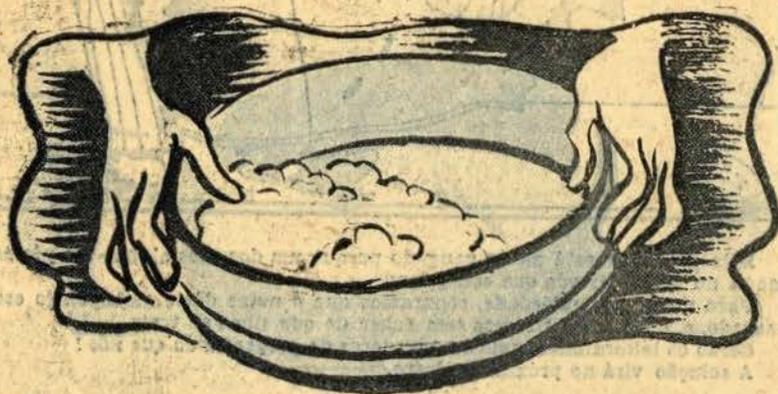
A peneira bem mostrou
a sua boa vontade
mas o farelo ficou
inda em grande quantidade.

Pois a farinha supôs
que era mesmo da melhor,
mais fina que pó de arroz...
Um verdadeiro primor.

E safu fóra de si
e mesmo perdeu a linha
quando alguém disse: — «Há aqui
mais farelo que farinha.» —

Fula, resmungou: — «Que asneira!
Vá a culpa a quem a tem!
Foi a parva da peneira
que não me peneirou bem.

Este grito de revolta,
é o grito da ingratidão
que sempre o ingrato solta
contra quem lhe deu a mão.



F I M

oferta com um livro para aprender a tocar. Com os ensinamentos do Tome e a vontade de aprender, o pequeno, daí a pouco, maravilhava os aldeãos com a pujança maravilhosa do seu talento.

Passaram anos.
Tónio fez-se um homem e foi para

Angola, como sargento. Um dia teve de partir, com dois soldados, para uma missão de reconhecimento no interior. Havia boatos duma revolta dos indígenas cuanhamas.

A traição, sem que pudessem esboçar um gesto de resistência, sequer, o sargento e os seus companheiros foram aprisionados, dentro duma caba-

na onde pernoitavam. Levados à presença do régulo, este mandou-os atirar aos jacarés.

Mas Tónio havia trazido o seu violino. Então, teve uma lembrança. Agarrou no arco e passou-o pelas cordas, tocando uma ária de extraor-

(Continua na página 6)



OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Avulsamos os pequeninos concorrentes de que o prazo para a entrega das cadernetas destinadas a este concurso, termina irrevogavelmente no dia 8 do corrente.

Prevenimos, também, que no próximo número publicaremos a nota de recepção e o nome de todos aqueles que ficarão habilitados aos prêmios e menções honrosas, atribuídos pelo Júri, cuja deliberação será dada no número imediato.

BREVEMENTE :

GRANDES SURPRESAS
NOVOS CONCURSOS

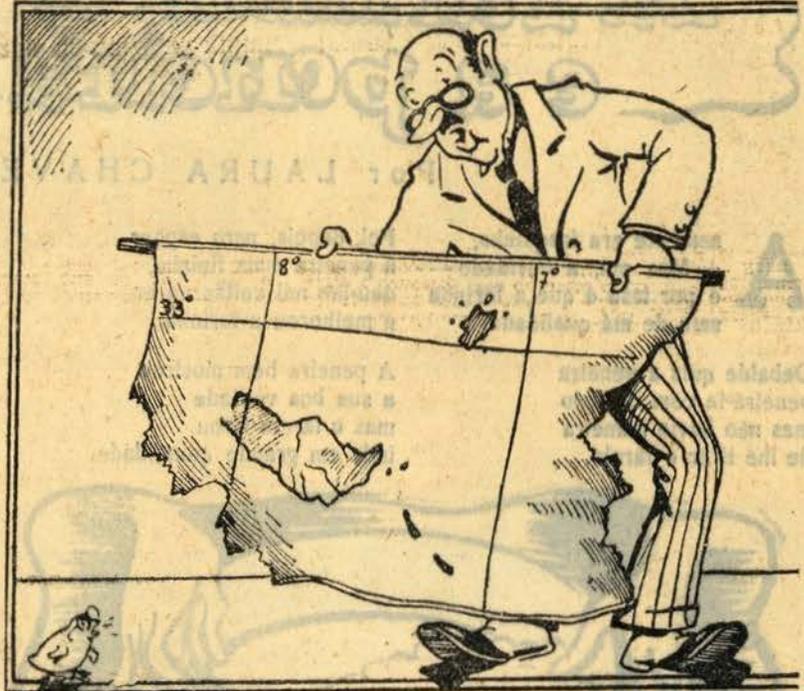
O violino mágico

(Continuação da página 5)

dinário encantado. O instrumento vibrou com a alma do artista e, terminada a música, os negros lançaram-se aos pés dele e dos dos outros brancos, adorando-os como deuses.

Durante dois dias os três militares estiveram na tribo, onde recebiam as máximas atenções. Uma noite, fugiram; meteram-se ao caminho, chegando, horas depois, ao seu destino, uma pequena vila. Ali, Tônio contou a sua aventura e declarou que, se não fôsse o violino, há muito estaria ele e os seus companheiros nos estômagos dos crocodilos.

A D I V I N H A



Este professor está muito zangado porque um dos seus alunos lhe pôs um mapa no bonito estado que estão vendo.

Para maior contrariedade, reparamos que o nome deste arquipélago está rasgado, e, que afinal, ficamos sem saber de que ilhas se trata.

Serão os leitorzinhos mais conhecedores de geografia do que nós?

A solução virá no próximo número.

SOLUÇÃO DA ADIVINHA DO PENÚLTIMO NÚMERO

A ilha sobre a qual voava o aviador chama-se ilha de Timor, que faz parte do Império Português. Fica situada no Oceano Pacifico e compõe-se da parte oriental, da ilha de Paulo Cambins e dos territórios de Ocusse e Ambeno,

encravados no território holandês, a quem pertence o restante da ilha.

A superfície total é de 18.500 quilômetros quadrados e sua capital é Díli, um formoso porto de mar com 3.000 habitantes.

CONSELHOS AOS MEUS
AMIGUINHOS



O MENINO AJUIZADO
DEVE

... Sentar-se à mesa e não torcer o nariz aos pratos que lhe apresentam, dizendo que não gosta.

... Respeitar os seus professores, acatar os seus conselhos e ser amigo dos condiscipulos, nunca os acusando em nada.

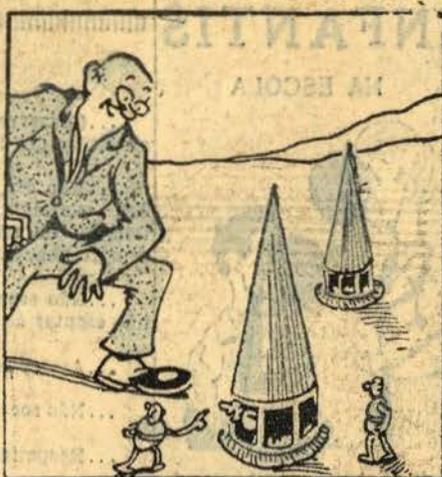
... Trazer as unhas bem lavadas, com a escova que a Mãezinha tem na casa de banho e que não se fez para outra coisa.

Estudar sempre as suas lições, conscientemente, sem ser preciso mandá-lo e lembrando-se de que, se não estudar, o pior é seu, porque será altamente prejudicado no futuro.

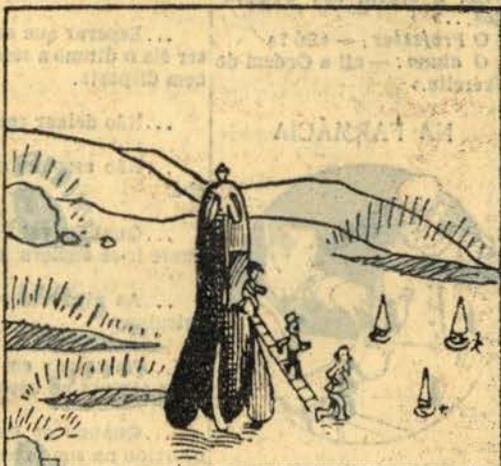
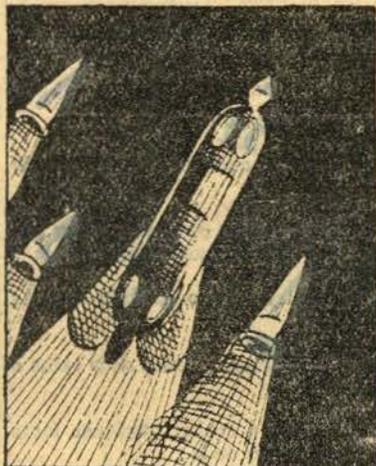
... Não esperar que a Mãezinha o mande lavar, convenientemente, antes da partida para o colégio.

(Continua na página 7)

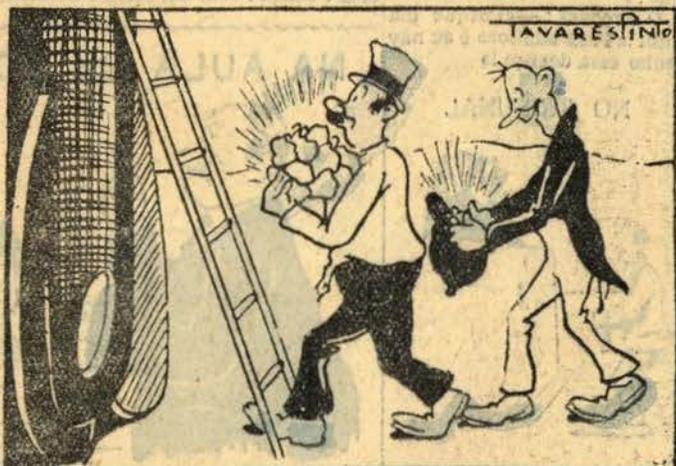
VIAGEM AOS PLANETAS (Continuação)



Esses homenzinhos pediram, por meio de gestos, aos três amigos licença para visitarem uma das suas cidades. Mostraram-lhes, um observatório astronômico e, a seguir, umas pequenas balsas com que eles visitaram, também, outros astros. O sábio, para melhor compreender os gestos daqueles seres, pegou num e, pelas explicações d'êle, ficou sabendo que



o planeta Urano tem quatro satélites, chamados Ariel, Umbriel, Titânia e Oberon, e que é 63 vezes maior que a Terra e dista do sol 3.000 milhões de quilômetros, levando 84 anos terrestres a fazer a translação em volta do mesmo.



Em seguida, o pequenino habitante de Urano, disse ao Doutor que êle e mais alguns companheiros o acompanhariam na viagem a Neptuno, o último planeta do sistema solar. Partiram, então, os três amigos com os habitantes de Urano e chegaram sem novidade ao seu destino.

(Conclui no próximo número).